

O AMIGO PERDIDO

OTTO MARIA CARPEAUX

Perdi com Brito Broca um amigo como não tive nem terei nenhum outro. Foi o mais velho dos meus amigos brasileiros. Foi uma amizade de vinte anos, nunca decepcionada. Foi uma relação das mais cordiais, sem ingenuidade emocional, mas tanto mais sólida. Agora, a morte nos separou. A vida está declinando. A luz está escurecendo. Nunca mais terei amigo como Brito Broca.

Brito Broca foi jornalista. Também sou jornalista. Certamente escreveu ele, no correr dos anos, inúmeros necrológios, assim como eu já escrevi muitos. Necrológios de grandes homens e necrológios de medalhões, necrológios comovidos e necrológios ligeiramente irônicos. A natureza da nossa amizade exclui, naturalmente, qualquer possibilidade de eu prestar essa última homenagem a Brito Broca. A mão ficaria trêmula. Não se escreve necrológio de um amigo assim. Nem se lhe traça o perfil, por mais inesquecível que fique gravado na memória.

Perfil de Brito Broca? Todos o conheciam. Penso que até seus inimigos – que teve como todos nós os temos – gostavam dele no foro íntimo. Pois foi o mais inofensivo dos homens. Conhecido em todas as redações e em todas as livrarias, familiar de todas as rodas, foi no entanto um homem profundamente solitário. Sempre ocupadíssimo, nunca se deteve muito. Entrava, passava, saía, às vezes sem despedir-se. Ninguém lhe conhecia o endereço, os quartos de hotel ou pensão modesta onde se enterrou entre seus livros, vivendo só para os livros e, no entanto, inspirado por um grande desprezo à vida literária, da qual iria ser o historiador. A vida literária não lhe podia infundir respeito porque respeitava mais alto a Literatura, com maiúscula, o único culto da sua vida livre. Julgava-se, apenas, servidor humilde da Literatura, de uma humildade desarmante no erro e no acerto. Sabia, com Leopardi, que “a literatura é a mais estéril das profissões”; e a literatura foi propriamente sua profissão, da qual vivia e para a qual vivia. No entanto, não foi homem triste, apesar de ter lido todos os livros brasileiros. Foi, ao contrário, um dos conversadores mais alegres. Sabia mil anedotas engraçadas que contava, às vezes, acompanhadas de exemplos musicais, como aquela de uma companhia lírica italiana, itinerante, oferecendo espetáculos à população do Brás; então, uma empresa que fabricava bebidas, subornou o *prim' uomo* para modificar a letra do brinde em *Cavalleria Rusticana: Questo guaraná spumante...* Também sabia mil histórias tragicômicas, como a do desconhecido que morreu na rua, sendo seu cadáver não identificado confundido, no necrotério, com o de um medalhão, e sepultado com honras de Estado... Brito Broca também morreu, desconhecido, na rua. A ele, a morte repentina não doeu, felizmente. Sentimos nós outros essa perda. Escrever-lhe o necrológio, traçar-lhe o perfil, não posso.

Tentarei dizer quem o amigo perdido foi; o que seu trabalho e sua existência significaram.

O jornalista Brito Broca foi, em primeira linha, um formidável trabalhador da imprensa e das letras. Trabalhava durante as noites e não descansava durante o dia. Escreveu, certamente, muitos milhares de artigos, quase todos eles esparsos e só poucos reunidos em volume. Trabalho daqueles que de manhã prende os leitores e de tarde já serve de papel de embrulho. Triste destino nosso. Mas nem todos os artigos de Brito Broca foram efêmeros: seus estudos sobre Machado de Assis na política, sobre os romancistas da cidade do Rio de Janeiro, muitas das suas "Horas de Leitura" (como se chama um dos seus livros) ficam: porque seriamente meditados, baseados em pesquisa sólida e interpretação certa.

Brito Broca foi grande pesquisador. A Seção de Jornais e Revistas da Biblioteca Nacional não tinha freqüentador mais assíduo. Seu livro sobre a *Vida Literária no Brasil – 1900*, que teve tanto e merecido sucesso, é monumento de uma época; e é leitura das mais deliciosas porque Brito Broca sabia escrever bem, sem ser "estilista" (seu bom gosto o teria impedido). Os volumes sobre a vida literária no Brasil nas épocas do romantismo e do modernismo, em que trabalhava ultimamente, não sairão mais. Não se substitui um Brito Broca.

Insubstituível também ele foi quanto a outro aspecto de sua personalidade: foi o último boêmio. Trabalhava durante a semana toda para ter "seu dia", de conversa fiada, de bebedeira e de despreocupação total, no sábado. Foi num sábado, seu dia, que Brito Broca morreu.

Enfim, desejo destacar um aspecto dessa personalidade estranha e encantadora que a todos nós é especialmente caro: Brito Broca, paulista de nascimento, escritor carioca por afinidade seletiva, sempre ficou paulista no fundo do coração. Foi, trabalhando para os jornais de cá e de lá, para os editores de cá e de lá, uma ponte entre São Paulo e o Rio de Janeiro. Tive-o, como em tantas outras coisas, também como camarada nessa cidadania dupla, que é a honra da minha vida brasileira. No Rio de Janeiro estou escrevendo, para este grande jornal paulistano, sobre o amigo morto que agora descansa em terra paulista. Adeus, Brito Broca.

Texto publicado originalmente no "Suplemento Literário" de O Estado de S. Paulo, em 26 de agosto de 1961.